

O PROFESSOR OLIVEIRA LIMA

reflexões de um diplomata- historiador sobre a educação

Nathalia Henrich

Professora associada ao Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Doutora em Sociologia Política pela UFSC

MANOEL DE OLIVEIRA LIMA CABE PERFEITAMENTE NA CATEGORIA DE “ILUSTRE desconhecido” no Brasil de hoje. Ele se converteu em um daqueles nomes que soam familiares, que poucos conseguem ligar diretamente às suas obras ou ao motivo pelo qual se tornou conhecido. Isso sem contar as diversas confusões geradas por quase homônimos mais famosos, como Oliveira Vianna. Não significa dizer que Oliveira Lima tenha sido esquecido no seu Recife natal. A antiga rua Corredor do Bispo, onde nasceu na Boa Vista, foi rebatizada como avenida Oliveira Lima e sua casa foi preservada. Nas imediações está instalada a Escola de Referência em Ensino Médio Oliveira Lima, homenagem que provavelmente o deixaria orgulhoso. Mas ele certamente não é um nome popular, nem mesmo no seu estado e na sua cidade. Não foi sempre assim, no entanto. Durante a carreira diplomática, marcada por algumas polêmicas que mobilizaram a opinião pública brasileira, fazia parte do “trio homérico” da diplomacia brasileira ao lado do Barão do Rio Branco e de Joaquim Nabuco. As inevitáveis comparações com seu conterrâneo Nabuco quase sempre deixam Oliveira Lima em desvantagem em vários aspectos – se estas se justificam ou se seus resultados são corretos é tema ainda a ser debatido com a profundidade que merece –, e, se há uma evidente, é o enorme abismo

entre o que se sabe sobre a vida e a obra de um e de outro desses pernambucanos ilustres.

Este texto não busca suprir essas lacunas e nem mesmo iniciar uma discussão – necessária, sem dúvida – sobre o legado de Oliveira Lima ou sobre como a figura de Joaquim Nabuco de certa forma o eclipsou em vida e postumamente. O objetivo é muito mais modesto, mas oferece seu grão de areia nesse projeto em andamento de recuperação da obra de Oliveira Lima e de reivindicação do espaço que lhe corresponde. Assim, aqui me proponho a apresentar alguns elementos de uma das facetas menos conhecidas do diplomata-historiador, a de professor. Muito embora não tenha sido um educador por formação, Lima acabou seus dias como Professor de Direito Internacional na Universidade Católica da América em Washington e antes disso desempenhou a mesma função na qualidade de visitante em instituições de prestígio, como as universidades de Stanford, Harvard e Sorbonne. Examinamos as experiências que o levaram por esse caminho, tratando também de recuperar algumas das reflexões suscitadas por elas sobre a educação de maneira geral e o ensino superior em especial, bem como as lições que ele aprendeu e procurou ensinar ao Brasil.

OLIVEIRA LIMA, ESSE ILUSTRE DESCONHECIDO

Os fatos mais corriqueiros da vida de Manoel de Oliveira Lima, filho caçula de um comerciante do Porto, Luiz de Oliveira Lima, e de Maria Benedicta de Miranda Lima, nascida no engenho Antas, em Rio Formoso, são bem conhecidos. O temporão da família nasceu em 25 de dezembro de 1867 no Recife, de onde saiu aos 8 anos rumo a Lisboa para nunca mais voltar definitivamente. No Recife permaneceram os três irmãos mais velhos e toda a parentela que garantiria uma ligação sentimental perpétua entre Oliveira Lima e o torrão natal.

O que as narrativas que procuram fincar Oliveira Lima em solo pernambucano geralmente minimizam é que foi apenas em 1890, aos 23 anos e já formado no Curso Superior de Letras, que ele retornou ao Brasil. É certo que essa longa ausência não foi sinônimo de afastamento completo. Esteve sempre presente a imagem de um Recife meio imaginário, embalada pelas recordações da infância e pelas remessas constantes de farinha e goma de mandioca, doces e queijos do sertão recebidas em Lisboa. Oliveira Lima sempre nutriu curiosidade e admiração pelas coisas do Brasil, o que se refletiu na sua primeira experiência jornalística, aos 14 anos, com a criação do Correio do Brazil. Também seu primeiro trabalho

foi como secretário na Sociedade de Beneficência Brasileira. De lá acompanhou de perto a movimentação da Proclamação e trabalhou pelo reconhecimento da República em Portugal. E foi graças a esse empenho que ganhou as suas “esporas de cavalleiro da republica” (LIMA, 1986, p. 92). Essas credenciais abriram definitivamente as portas para a carreira diplomática e propiciaram sua volta ao Brasil .

A diplomacia aparecia como opção natural para um rapaz com a sua formação e suas relações. O cunhado, o abolicionista pernambucano e diplomata Pedro de Araújo Beltrão, certamente influenciou na escolha. Foi ele quem o acompanhou no seu regresso ao Brasil, uma viagem que marcaria definitivamente a sua vida em vários sentidos e que sacramentou sua ligação com Pernambuco. Afinal, em poucos meses, ele assegurou sua nomeação como segundo secretário da Legação Brasileira em Lisboa e foi aceito no seio da elite açucareira através do compromisso selado com Flora Cavalcanti. Através dessa união, Oliveira Lima agregava definitivamente o elemento do prestígio social a sua família, ao fincar suas raízes entre os membros da antiga aristocracia local, e elevando o *status* legado por seu pai, que, ainda que rico, era mero comerciante.

Aí se inicia o capítulo mais conhecido da sua vida e que, sem dúvida, lhe rendeu mais notoriedade. No entanto, é impossível separar totalmente a diplomacia das demais atividades que desenvolveu, porque, sem a mobilidade proporcionada pela carreira, Oliveira Lima certamente não teria podido realizar o mesmo que realizou. Ele ocupou postos em Lisboa, Berlim, Washington, Londres, Tóquio, Caracas, Bruxelas e Estocolmo em seus mais de 20 anos no Itamaraty. Isso permitiu que desenvolvesse suas pesquisas em arquivos de vários países, ampliasse suas redes de contatos e fosse um observador privilegiado de processos políticos, sociais e históricos que marcaram o mundo. E era através da imprensa que ele informava os leitores brasileiros sobre os mais diversos temas, ainda que sua atuação nesse meio seja bem menos conhecida que a de diplomata, ao menos para o público contemporâneo. Lima foi um escritor extremamente prolífico, que começou a colaborar em 1885 no *Jornal do Recife* e não parou até bem pouco antes de sua morte. Ele trabalhou para os jornais mais importantes do país, como o *Jornal do Commercio*, *O Estado de S. Paulo*, *O Paiz*, *Correio da Manhã* e *Diario de Pernambuco*. Além das colaborações em veículos estrangeiros, como a coluna que manteve em *La Prensa*, de Buenos Aires.

Ao mesmo tempo que desenvolvia uma intensa atividade jornalística, ele dedicava parte considerável da sua vida às pesquisas históricas. Era um assíduo frequentador de arquivos, nos quais garimpava documentos sobre o Brasil e que forneciam as fontes para seus livros. O longo e minucioso trabalho em arquivos europeus resultou no monumental *Dom João VI no Brasil* (LIMA, 1908a), que ajudou a reabilitar a figura do monarca português e até hoje é uma referência incontornável. Desses descobrimentos não se beneficiaram apenas seus projetos pessoais, mas a historiografia nacional como um todo, já que era parte da sua faina publicar catálogos e descrições dos seus achados. É o caso do seu guia de fontes para a História do Brasil no Museu Britânico e do catálogo de livros raros da Oliveira Lima Library, úteis até hoje.

Oliveira Lima tinha ainda a preocupação constante com a divulgação da sua obra. Resulta impressionante o seu esforço para distribuir exemplares dos seus livros e artigos a bibliotecas, instituições, jornais, revistas e personalidades influentes ao redor do mundo. Uma passada de olhos nos álbuns que montava com recortes de jornal, cópias de artigos seus e de amigos – e inimigos – que lhe interessavam nos revela também muitas cartas, cartões de visita e bilhetes com agradecimentos pelo recebimento de algum texto seu. Essa prática não era novidade; a divulgação era parte do trabalho intelectual, e as redes de sociabilidade formadas através dessas trocas são bem conhecidas. O que impressiona em Oliveira Lima é a dimensão desse esforço, que, guardadas as proporções para a época, pode, sem dúvida, ser considerado global. Pouquíssimos escritores brasileiros daquele período tiveram sua obra conhecida em latitudes tão distantes como Oliveira Lima, graças, em boa medida, a sua escrupulosamente executada política de divulgação.

Uma forma de divulgação muito eficaz foi sua atividade de conferencista. Como publicista ou polígrafo, para usar a terminologia da época, Lima realizou como nenhum outro dos seus contemporâneos um projeto de divulgação cultural do Brasil no exterior. Havia, certamente, um elemento de autopromoção nesses esforços, mas os resultados foram positivos também para o país. É preciso ter em conta que, durante toda a Primeira República (1889-1930), não foram implementadas políticas sistemáticas de difusão da cultura brasileira no exterior. Houve, sim, diversas iniciativas que funcionaram isoladamente, e, como representante brasileiro, Lima tomou parte em várias delas. Mas ele, em diversas ocasiões, extrapolava suas prerrogativas institucionais e

tentava dar um passo além. Uma mostra dessa atitude ocorreu no Congresso de Americanistas de Viena (1908), ao qual compareceu como delegado brasileiro nomeado pelo Ministério do Interior. Ele decidiu apresentar uma moção para que a língua portuguesa fosse considerada um dos idiomas oficiais do evento, uma iniciativa que partiu do seu desejo de dar mais visibilidade ao português. No mesmo evento, ainda quis apresentar a candidatura do Brasil como sede do próximo Congresso, mas não obteve uma resposta oficial do Itamaraty a tempo. Ele sempre achou que a negativa era fruto dos ciúmes de Rio Branco, que não teria apreciado a repercussão positiva da sua moção. A explicação é plausível, ainda que não possa ser comprovada, mas é, sobretudo, sintomática da difícil relação entre os dois. É também evidência do quanto o embate entre esses dois grandes egos interferia diretamente na sua carreira. Enfim, a despeito das dificuldades resultantes dessa relação conflituosa, ele foi um trabalhador intelectual incansável, assim como um divulgador incansável de seus esforços e do país que os inspirava.

O fruto mais palpável desses esforços foi a sua consagração, internacionalmente, como intelectual. Como, por razões diversas, Oliveira Lima não faz parte do panteão dos heróis da diplomacia brasileira e nem mesmo costuma aparecer em lugar de destaque entre os historiadores nacionais, fica difícil hoje apreciar com a devida medida o papel que desempenhou no seu tempo. Mas a verdade é que ele era considerado uma autoridade em assuntos brasileiros e ibero-americanos nas Américas e na Europa de princípios do século XX e gozava de enorme prestígio. Para além do seu papel como diplomata, ele foi capaz de construir sua reputação como historiador no Brasil e no exterior. Nesse sentido, é importante lembrar que Oliveira Lima pode ser considerado o primeiro historiador brasileiro profissional, ou seja, com formação universitária em História. Os ensinamentos adquiridos no pioneiro Curso Superior de Letras em Lisboa muniram o jovem de instrumentos teóricos, metodológicos e também técnicos para o desenvolvimento do seu ofício, e essa formação foi o traço que marcou todas as suas demais atividades. Como diplomata, tinha o apego às fontes, às minúcias, aos relatórios detalhados e bem fundamentados. Como jornalista e cronista de viagem, mantinha o mesmo zelo por buscar dados, citar fontes, conhecer a fundo os assuntos sobre os quais se propunha a falar. Como conferencista, adotava a mesma postura, e por isso de suas conferências resultaram alguns dos seus livros mais importantes. Assim, não causa

nenhum espanto que Oliveira Lima passasse a contemplar uma carreira docente a certa altura da vida, especialmente quando as decepções com a carreira diplomática começaram a acumular-se.

A atividade de conferencista não era de forma alguma estranha a Oliveira Lima, embora não fosse afeito a dar discursos e reconhecesse mesmo sua falta de talento para a oratória. Exatamente por isso dizia que nunca havia feito um discurso de improviso. As suas falas eram sempre preparadas com antecedência e lidas. O público reconhecia que ele “não [era] um actor na tribuna”, afinal, ele não representava o que escreve, “lê simplesmente, mas lê com tanto gosto e tacto quanta precisão e justeza”. Com isso, conseguia ser “um ledor admirável, que encanta o auditório e satisfaz os mais exigentes” (coluna Os respingos, Diário de Pernambuco, de 24 de dezembro de 1904).

Foi a partir da sua passagem pela Bélgica que recebeu o epíteto de embaixador intelectual do Brasil, dado pelo sueco Göran Björkman. O apelido tinha razão de ser. Recém-chegado a Bruxelas, em 1908, foi nomeado pelo Itamaraty como delegado brasileiro no IX Congresso Geográfico de Genebra e no XVI Congresso Internacional de Americanistas, em Viena. Em janeiro de 1909, deu duas conferências sobre língua portuguesa e literatura brasileira na Universidade de Louvain, na Bélgica, e participou da festa da intelectualidade brasileira, de uma homenagem ao recentemente falecido Machado de Assis, na Sorbonne, e do III Congresso Internacional de Música, em Viena. Ele participou ainda do XVIII Congresso dos Americanistas em Londres (1912) e foi eleito vice-presidente honorário do congresso.

Lima sabia que estava tendo uma grande oportunidade e queria aproveitá-la. Ele avaliava corretamente que aquele era um momento em que os congressos intelectuais estavam “na moda e realizam-se às dezenas na Europa”, promovendo perfeitas ocasiões “para desmanchar preconceitos entre as nações e gerar entre os povos afeição sincera” (LIMA, 1908b). Era com esse espírito que se empenhava em participar em quantos fóruns fosse possível. E ainda não se pode deixar de ter em conta que sua permanência na Europa foi em muitos sentidos libertadora e teve um efeito positivo sobre suas atividades paralelas. Certamente Bruxelas não era um posto de primeira ordem, mas ao menos lhe dava mobilidade pelo continente, acesso a bibliotecas, arquivos e leilões de livros, além da chance de circular entre os círculos educados da Europa.

Estar longe das intrigas dos corredores do Itamaraty também contribuía para que ele pudesse desenvolver suas atividades com

menos amarras e colher os louros das suas vitórias. Seu temperamento explosivo, certamente pouco compatível com a diplomacia, a defesa ferrenha da sua independência de opinião e um gosto particular pela polêmica custaram um preço alto. Não cabe dúvida de que os desentendimentos com o Barão do Rio Branco – alguns dos quais poderiam ter sido evitados, caso Lima tivesse tido um pouco mais de “diplomacia” – impactaram negativamente o que poderia ter sido uma carreira brilhante. Por conta da sua franqueza excessiva, do excesso de brios e às vezes de pura teimosia, ele foi preterido em promoções, sofreu ataques injustos na imprensa e teve diminuídos ou até silenciados alguns de seus logros. Nesses anos em que serviu na Europa, porém, Lima pôde circular com desenvoltura, avançar em suas pesquisas, publicando e dando conferências. Eram essas as atividades que amenizavam sua crescente decepção com a diplomacia, e era a perspectiva de dedicar-se exclusivamente a elas que o fazia acalentar o projeto de aposentar-se e fixar residência em Londres, assim que possível.

Com toda a experiência acumulada nesse período, Oliveira Lima, em 1911, iniciou um projeto novo e mais ambicioso. Em 15 de março, começou a lecionar um curso na Faculdade de Letras da Sorbonne, o que faz dele, provavelmente, o primeiro brasileiro a dar aulas naquela universidade. As conferências deram origem ao livro *Formation historique de la nationalité brésilienne* (LIMA, 1911). Sua avaliação deve ter sido positiva, porque não demorou muito para que ele desse mais um passo rumo a uma nova carreira.

LIÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS: EDUCAÇÃO E CIVILIZAÇÃO

Um indício de que Lima estava seriamente contemplando uma mudança na sua vida profissional é que partiu dele a ideia de em seguida ir aos Estados Unidos para uma série de conferências em universidades. Seu plano foi acolhido com entusiasmo pelo vice-presidente de Stanford, John Casper Branner. Branner era geólogo e especializou-se no Brasil, país pelo qual se encantou a ponto de escrever a primeira gramática de português para falantes de inglês com o intuito de popularizar o idioma entre seus compatriotas. Ele se tornou amigo próximo de Oliveira Lima, com quem compartilhava o apreço pelo café brasileiro e o amor aos livros, e o incentivou a ir à Califórnia.

O casal Oliveira Lima desembarcou em Nova York em setembro de 1912 para uma temporada que duraria até janeiro de 1913. Encantado pelas possibilidades da vida como conferencista, Oliveira Lima organizou um cronograma de viagens que lhe

permitiu cruzar os Estados Unidos e passar por 12 universidades no total. As suas experiências e observações nessa travessia foram fundamentais para o reavivamento da sua simpatia pelos Estados Unidos, e, possivelmente, influenciaram de modo decisivo seus planos de carreira.

Depois de 12 anos de ausência dos Estados Unidos, sua primeira reação foi de surpresa, porque “não imaginava que fosse tão fervoroso o estudo em geral nos estabelecimentos superiores de ensino dos Estados Unidos” (LIMA, 1913). E muito menos antecipava “que a curiosidade intelectual estivesse tão desperta pelo que nos diz respeito, nem que nossos temas absorvessem a atenção de tantos eminentes professores americanos” (LIMA, 1913). Ele chegou a esse diagnóstico depois de elaborar um cuidadoso inventário dos professores e cursos dedicados ao tema da América Latina nas universidades do país. Outro dado que o deixou satisfeito foi a existência de bibliotecas especiais dedicadas aos assuntos latino-americanos, entre as quais se destacava a de Stanford, nascida da doação da volumosa biblioteca particular de John Casper Branner. É bem possível que aí tenha surgido, ou pelo menos se consolidado, seu desejo de fazer algo similar com os seus livros.

Lima já era um admirador do sistema de ensino universitário dos Estados Unidos, mas não o conhecia tão de perto. Desde sua primeira estada no país, valorizava as universidades como um necessário refúgio do pensamento naquela terra tão pujante de desenvolvimento industrial e absorvida pelas preocupações materiais. Elas representavam o lugar “onde se codifica a moral do país”, onde se cristalizava o sentimento de “predestinação da raça”. Acima de tudo, elas não eram meras fábricas de bacharéis, mas geradoras de sábios (LIMA, 1899, p. 307). Essa era uma crítica que fazia ao ensino no Brasil, ao bacharelismo das nossas elites, mais preocupadas com títulos que com o conhecimento genuíno.

O caráter prático da educação nos Estados Unidos despertava sua admiração. A inclinação para a ação era um traço positivo que identificava na sociedade norte-americana em geral, onde encontrava aos “centos os exemplos de constância, labor e audácia” entre seus homens de negócio (LIMA, 1899, p. 105). Alguns desses bons milionários estavam por trás de obras admiráveis, como os projetos filantrópicos de Rockefeller e as doações de Leeland Stanford, que permitiram a criação da Universidade, mesmo caso de Johns Hopkins. Por isso lhe parecia que nos Estados Unidos “não ha quasi ricos inúteis, assim como não ha quasi elegantes ociosos” (LIMA, 1899, p. 106).

“

os congressos intelectuais estão na moda e realizam-se às dezenas na Europa, promovendo perfeitas ocasiões para desmanchar preconceitos entre as nações e gerar entre os povos afeição sincera

Foi com essa mesma admiração que observou durante a viagem como a “diligência americana” conseguiu transformar a região desértica do Arizona, “que parecia votada sem remissão ao perpétuo abandono” (LIMA, 1912). Lá, pela primeira vez, avistou indígenas e se interessou por suas condições de vida. No Kansas, visitou uma instituição dedicada exclusivamente à educação indígena. Lima via com bons olhos que o Estado estivesse tomando providências para reparar o “longo tempo de negligência e mesmo de crueldade para com os índios”, criando institutos que buscavam “resgatar o passado, protegendo-os e em certa medida elevando-os”, através da educação mais prática que literária. Era, enfim, um elogiável esforço para alcançar a “civilização do elemento aborígene” (LIMA, 1912).

Para ele, essas instituições cumpriam com perfeição seu papel de oferecer uma educação compatível com as posições sociais e correspondentes “necessidades” desses indivíduos. Com isso, a elevação moral alcançada era um avanço coletivo, um passo a mais rumo à civilização do país como um todo. A educação era, portanto, um caminho claro para a civilização, mas sem ser um projeto nem emancipador nem de mudança social. Ao contrário, era um projeto conservador que visava manter intactas estruturas e hierarquias.

Era sob o mesmo prisma que observava a educação dos negros nos Estados Unidos. Quando lá chegou pela primeira vez, em 1896, sua preocupação constante era observar os paralelos com o Brasil e, através da comparação, apontar soluções para o seu país. Para ele, havia claras semelhanças entre a decadência do Sul dos Estados Unidos e do Nordeste brasileiro e o papel do “elemento negro”. Ele nunca acreditou que o negro merecesse desprezo e, embora fosse “certamente uma raça inferior” que lutava contra o meio e contra traços hereditários, não a considerava uma população “totalmente inútil”. Ele reconhecia que seu espírito era passível de educação e via potencial para o progresso, desde que lhe fossem fornecidos os princípios corretos. Ou seja, “uma profissão manual e uma boa instrução elementar”, já que “o braço e não a cabeça é que precisa ser ensinado” (LIMA, 1899, p. 47).

Nesse sentido, esteve atento aos resultados das ações para a “civilização da raça africana” postas em prática nos Estados Unidos, que o terminaram de convencer de que “o negro é merecedor de atenção e susceptível de adiantamento, si dirigido pelo branco” (LIMA, 1899, p. 49). Ele achava que os esforços de aprimoramento moral realizados pelos brancos norte-americanos lentamente tendiam a diminuir “a celebrada indolência e real imprevidência da gente de côr” e ajudar a reerguer o Sul (LIMA, 1899, p. 38). As boas políticas educativas locais faziam com que os alunos saíssem dos institutos prontos a “disseminar instrução theorica e profissional entre as massas ignorantes da sua raça, realizando-os com resultados por vezes prodigiosos”. Em suma, a educação era um caminho eficaz para que os negros se transformassem nos excelentes operários que o país necessitava, “dóceis e resistentes” (LIMA, 1899, p. 37).

Não era um raciocínio muito diferente daquele aplicado a sua apreciação do ensino na Suécia. Quando visitou o país em 1909, Oliveira Lima ficou abismado com a “condição de equilíbrio” que existia na educação. Era uma “combinação tão completa” que era “quase perfeita” entre o estímulo ao corpo e à mente (LIMA, 1971a, p. 353). Ele comparava o sistema sueco com os ginásios ingleses, onde havia a “proeminência aos desportos”, e os alemães e franceses, nos quais visava-se “sobretudo a cultura cerebral”, para considerá-lo muito superior. Chegou a dizer que “a velha pedagogia exclusivamente intelectual” havia recebido na Suécia “o golpe mais certo” (LIMA, 1971a, p. 354). Ficou especialmente encantado com a existência de escolas populares superiores, as chamadas *Folkshögskolar*, cuja mera existência, na sua opinião, “abonava

a cultura” sueca. Elas pretendiam “dotar a mocidade adulta das classes inferiores de uma educação patriótica, cívica e pratica”, mantendo um equilíbrio entre o cultivo da vontade e o da inteligência (LIMA, 1971b, p. 357). Dessa maneira, os jovens das classes populares eram expostos tanto ao conhecimento acadêmico quanto ao prático e aos preceitos cívicos e morais que os tornariam bons cidadãos, além de fornecer aprendizado com normas de convivência social. Tudo na medida exata das “necessidades” das classes inferiores.

Há, evidentemente, um elemento racial e um elemento social que interferem diretamente nas suas visões sobre a educação em todos os níveis. Diferentes populações e classes sociais necessitam de uma educação diferenciada, que atenda melhor as suas “disposições” e “necessidades”, portanto. Essa posição bastante influenciada pelas teorias racialistas tão em voga ainda em princípios de século XX, como o Darwinismo Social e as ideias de Spencer, não chega a ser surpreendente e nem destoia de muitos intelectuais seus contemporâneos. Por outro lado, suas ideias sobre a educação feminina podem ser consideradas avançadas para o seu tempo.

Primeiro, não se pode perder de vista o peso da influência das duas mulheres mais importantes da vida Oliveira Lima. Com a convivência com Flora e Sinhá, não se estranha que Lima tenha se acostumado a pensar em mulheres em pé de igualdade com os homens em termos de capacidade intelectual. Apoiava iniciativas de ampliação da educação feminina e considerava que elas deveriam ser incorporadas ao mercado de trabalho, se assim o desejassem. Ele procurou incentivar mulheres talentosas, divulgando seu trabalho, como quando incluiu Julia Lopes de Almeida na sua série sobre escritores brasileiros na *Revue d'Amérique Latine* e chegou a dar uma conferência sobre Nísia Floresta. Por esses esforços é que acabou eleito paraninfo da primeira turma de moças formadas na Escola Doméstica de Natal, no Rio Grande do Norte.

Como já destaquei, Lima admirava a educação norte-americana, porque preparava para a vida prática. Ele via nesse modelo vantagens também para as mulheres porque mesclava formidavelmente os estudos sérios, os prazeres da vida social e as obrigações do serviço doméstico. Para o diplomata, não havia dúvidas de que a elevação do nível dos estudos oferecidos para as mulheres no Brasil beneficiaria o conjunto da sociedade. E aos críticos preocupados com o potencial desagregador da família respondia que a educação familiar seria a primeira a lucrar com a elevação da mulher.



Biblioteca Oliveira Lima, na Universidade Católica da América, em Washington, EUA | Fonte: Café Colombo

A partir dessa perspectiva é que Oliveira Lima maravilhava-se ao observar que “a mulher abrem-se nos Estados Unidos fartas e fáceis carreiras” (LIMA, 1896, p. 340, tomo VII). Ele destacava ainda o quanto a educação mista e a possibilidade de convivência entre os dois sexos em muito mais ambientes que no Brasil, como os clubes esportivos, as universidades e associações das mais diversas, tinham um efeito salutar para os costumes. Ao naturalizar a convivência entre homens e mulheres, especialmente os jovens, a sociedade norte-americana realizava um exercício de civilização.

Eram esses o elementos que o convenciam do caráter superior da mulher americana e do seu valor para a sociedade. É claro que para ele a influência das características atribuídas à raça americana desempenhavam um papel fundamental. Ele atribuía, por exemplo, a liberdade de maneiras das norte-americanas à “tradicional independência feminina da raça saxônica”, que lhes era “natural” e estava “por assim dizer na massa do sangue” (LIMA, 1899, p. 130). Considerava também que o sucesso do movimento feminista

nos Estados Unidos se dava porque, graças à raça e à educação que as mulheres recebiam, este sempre teve um caráter prático e evitou tratar de temas de política e religião, como as francesas faziam. Na sua comparação, a grande diferença entre brasileiros e norte-americanos no que diz respeito à situação da mulher é que o americano considera a mulher no geral como um ente dotado de inteligência igual a sua, “senão superior sob o ponto de vista do refinamento”. Enquanto isso, no Brasil, tem-se a “impressão toda latina de que a mulher é um objecto de prazer e um movel de luxo, sem direitos posto que com obrigações” (LIMA, 1899, p. 125). Por isso mesmo, afirmava que o Brasil tinha muito a aprender com os Estados Unidos nesse aspecto.

UM AMIGO DOS LIVROS

Oliveira Lima ainda teve mais uma oportunidade para observar de perto o funcionamento das universidades nos Estados Unidos antes de se decidir pelo seu exílio voluntário em Washington, onde acabaria falecendo em 1928. Em 1915, ele recebeu, através do Embaixador norte-americano no Brasil, Edwin Morgan, o convite do presidente da Universidade de Harvard, Abbott Lawrence Lowell, para que inaugurasse a Cátedra de História e Economia da América Latina. Para Oliveira Lima, era a chance de exercer pela primeira vez o papel de docente em um curso regular completo. Além disso, existia o atrativo financeiro do salário de US\$ 2.500, o que certamente contribuiu para que se superasse o medo de enfrentar a travessia de Londres até os Estados Unidos, já com a guerra deflagrada, em setembro de 1915 (HENRICH, 2016).

O novo professor não teve dificuldades em adaptar-se, mas sentiu a diferença das experiências anteriores como conferencista. Precisou preparar um número maior de aulas, adaptá-las ao nível de conhecimento dos alunos e corrigir provas dos seus 57 alunos de graduação e pós-graduação. Guardava as melhores lembranças desse tempo, sobre o qual falou em várias conferências e artigos (LIMA, 1918). Ele ficou muito satisfeito com a diligência dos seus alunos, que, junto com o alto nível de exigência da universidade, lhe parecia a receita para manter os altos níveis de excelência de Harvard. Ele admirava especialmente a capacidade de independência no estudo e o sentimento de veneração que os alunos dispensavam aos velhos mestres. Era em grande medida por causa desses professores que Oliveira Lima considerava as universidades americanas instituições modelares. Afinal, eles se dedicavam

ao mesmo tempo a elevar o nível intelectual de seus estudantes e a encorajar a atividade mental, além de desempenhar um relevante papel na sociedade.

Sempre lhe havia parecido excelente que as universidades nos Estados Unidos fossem também centros de cultura e convivência social. Como professor, não se restringia às atividades acadêmicas, procurava integrar-se à vida no *campus* e nunca recusava os convites de alunos para almoços após as aulas. Ele aproveitava cada ocasião para entender melhor aquele país e foi assim que observou de perto vários aspectos típicos da vida universitária, como os esportes e os diversos *clubs*. Não lhe escaparam nem os ritos de iniciação “burlescamente misteriosos” por que passavam os novatos, e chegou a assistir à cerimônia de Quentin Roosevelt no Club Signet em 1915 (LIMA, 1918). Ele mesmo foi aceito no Clube de História de Harvard como membro honorário.

A vida acadêmica estava claramente lhe agradando, bem como a promessa de um estreitamento na cooperação intelectual no continente. Lima estava animado com a ideia de um intercâmbio regular de professores entre universidades dos Estados Unidos e da América do Sul. Apesar de todo o entusiasmo pelo estreitamento das relações com os Estados Unidos através do intercâmbio de professores, havia pelo menos um elemento que desgostava profundamente o pacifista Oliveira Lima. Comparando as universidades em sua visita em 1912 com as daquele momento, mal as podia reconhecer. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, parecia que se haviam transformado em verdadeiros acampamentos voltados à preparação para possíveis expedições europeias. Em 1915, apesar de os Estados Unidos estarem neutros no conflito, ele observa no *campus* que a palavra de ordem já era *preparedness*, ou seja, a preparação militar para a defesa e o ataque. Via com tristeza que onde antes se educava para profissões liberais, para tarefas construtivas, agora educava-se para a guerra e para a destruição.

Oliveira Lima deixa os Estados Unidos ao fim do seu curso, em 1916, mesmo ano em que toma a decisão de doar sua biblioteca para a Universidade Católica da América. Esse gesto causa controvérsias até hoje, em grande parte pelo desconhecimento dos termos dessa doação e das circunstâncias que a cercaram. Essa decisão foi acompanhada de outra, não menos importante, de mudar-se definitivamente para Washington, o que aconteceu só em 1920. Oliveira Lima partiu com a esposa para os Estados Unidos depois de ver definitivamente frustrado seu plano de

estabelecer-se em Londres, devido às acusações de germanofilia levantadas contra ele por causa de artigos seus na imprensa. Como disse o argentino Lucas Ayarragaray, Oliveira Lima ia iniciar uma nova etapa em que abandonava a ação para entregar-se à vida do pensamento.

Além da decisão de estabelecer-se nos Estados Unidos, a doação da sua biblioteca ajudou a cristalizar a imagem de um homem amargo e ressentido, que esperou até o último momento para vingar-se do seu país. Como se não fosse suficiente material para polêmica, havia ainda o desejo expresso de ser enterrado em Washington, o que seria a prova irrefutável do seu desprezo pelo Brasil. Em realidade, ambas as decisões estiveram envoltas em contextos bastante mais complexos que uma simples demonstração final de ressentimento. Havia vários anos, Oliveira Lima nutria o desejo de reunir sua coleção de livros dispersos pelos países onde havia vivido e de poder dedicar-se a ela. O plano inicial de ir a Londres após a aposentadoria com esse fim terminou não se realizando, e ele precisava optar por outra cidade. Havia ainda um grande problema prático para resolver. Como transportar cerca de 40.000 livros que estavam dispersos em três países durante a guerra? A empresa não era fácil e nem barata, e, assim, a ideia de doar a coleção a uma universidade nos Estados Unidos foi tomando corpo. No Brasil, nenhuma instituição tinha condições de abrigar tamanho acervo e nem de fazer frente aos gastos que a reunião implicava. Lima havia conhecido e se maravilhado com as bibliotecas universitárias do país e conhecia exemplos como o de Casper Branner. Houve conversas com Stanford e Harvard, duas instituições com as quais teve contato, mas a falta de fundos não permitiu que nenhuma das duas universidades recebesse a doação.

Afinal, decidiu-se pela Universidade Católica da América, em Washington, que já conhecia desde a primeira vez que viveu no país. Na época se mostrava otimista com vários aspectos da vida nos Estados Unidos, entre eles o ambiente de liberdade religiosa e os prospectos para o crescimento do catolicismo. Ele não apenas pensava que o país era um terreno fértil para a expansão da religião católica como chegou a afirmar que “o catholicismo americano é sem sombra de duvida o catholicismo do futuro” (LIMA, 1899, p. 289). A explicação para tamanha esperança era que via nos Estados Unidos o lugar onde a doutrina romana se apresentava menos contaminada de reacionarismo mais liberal; mais evangélica e, em última instância, mais cristã.

Foi nesse contexto que ficou especialmente bem impressionado com a relação estabelecida entre religião e ciência que era posta em prática na Universidade Católica da América. A universidade foi fundada como um centro de pesquisa e estudos de pós-graduação em 1889, mas os cursos de graduação foram implementados apenas em 1904. Portanto, quando Lima conheceu o *campus* da universidade, entre 1896 e 1899, ficou surpreso e satisfeito com a existência de uma instituição voltada unicamente à pesquisa de alto nível. Ele descreveu em detalhe os métodos da Universidade Católica, que lhe pareceram extraordinários, em artigos e depois no livro *Nos Estados Unidos* (LIMA, 1899). A seu ver, através da liberdade dos alunos em escolher seus cursos e combiná-los de forma que melhor se adaptassem a suas inclinações intelectuais, e através também do estímulo à pesquisa, a universidade visava, muito mais do que conferir títulos, desenvolver as inteligências. Isso o levava a concluir que “a independência é o alicerce da educação americana, como a sujeição o é da educação latina” (LIMA, 1899, p. 307).

Oliveira Lima via a Universidade Católica como um centro de convergência para a disseminação tanto da fé como da investigação científica, que colocava em prática exatamente a visão que ele tinha sobre religião e ciência. Contribuía para sua escolha a localização estratégica. Washington era a capital do país e abrigava importantes instituições, como a União Pan-Americana e a Carnegie Endowment for Peace, que ele via como aliadas na disseminação de um novo pan-americanismo baseado no mútuo entendimento entre os países. Ele pretendia que sua biblioteca fosse o núcleo inicial de um Instituto de Estudos Ibero-Americanos. Assim, em 1916, ficou acertada a doação dos livros à universidade, que se responsabilizou totalmente pelos custos de envio e transporte. Lima deixou expressas em testamento as condições para a doação, que incluíam a garantia de não dispersão do acervo e que ele pessoalmente se encarregaria da organização da biblioteca.

No mesmo documento, ele registra sua vontade de ser enterado no lugar do seu falecimento. Na verdade, o que ele faz é declarar que não autoriza o transporte *post-mortem* do seu corpo. É claro que havia a possibilidade maior de que isso ocorresse no lugar de sua residência atual, que era Washington, mas não excluía a possibilidade de que ele viesse a falecer em qualquer outro lugar. Essa decisão não significa certamente o mesmo que dizer que ele não quis voltar ao Brasil nem depois de morto. Mais do que um ato político, como foi interpretado, era um ato de caráter

muito pessoal, até religioso, pois a sua preocupação era evitar a manipulação do seu cadáver.

Lima ainda viveu por oito anos em Washington antes de ter seu desejo atendido e ser enterrado no Cemitério de Mount Olive em Washington sob a lápide feita de pedra vinda de Pernambuco, que diz apenas: “Aqui jaz um amigo dos livros”. O trabalho de organização da biblioteca foi colossal e durou muito mais do que o previsto inicialmente. A verdade é que só quando o material começou a chegar é que ele finalmente se deu conta do tamanho da coleção que havia reunido. Foram diversas as prorrogações até a inauguração em 1924. Mas, antes mesmo da abertura, alguns privilegiados estavam consultando os materiais, como Gilberto Freyre, que sempre disse que foi o primeiro usuário da Lima Library. Ao mesmo tempo que cuidava da organização do acervo, continuava escrevendo para a imprensa, participando de congressos e, logo, assumiu a função de Professor na Universidade Católica. Costumava rir da “ironia que é inseparável do destino humano” e que permitiu que ele, mesmo nunca tendo estudado Direito, aprendesse na teoria e na prática o direito das gentes durante a carreira diplomática e fosse enterrado tendo como mortalha a beca de professor de Direito Internacional (LIMA, 1986, p. 14). O amigo dos livros, enfim, pôde descansar junto a sua biblioteca.

REFERÊNCIAS

- HENRICH, N. *Ser ou não ser antiamericano?* Os Estados Unidos na obra de Oliveira Lima. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.
- LIMA, O. *Nos Estados Unidos*: Impressões políticas e sociais. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1899.
- LIMA, O. *Dom João VI no Brasil 1808-1821*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1908a. v. 2
- LIMA, O. O Congresso de Geographia de Genebra I. *O Estado de S. Paulo*, 1908b.
- LIMA, O. *Formation historique de la nationalité brésilienne*: série de conférences faites en Sorbonne. Paris: Garnier, 1911.
- LIMA, O. Cartas dos Estados Unidos VII. De S. Francisco a Chicago por outro caminho – A região seca e o “pluck” americano – Os índios e sua educação. *O Estado de S. Paulo*, p. 1, 1912.
- LIMA, O. Cartas dos Estados Unidos X. O estudo da América Latina nas Universidades Americanas. *O Estado de S. Paulo*, p. 2, 1913.
- LIMA, O. Mi profesorado en Harvard. *Revista de Derecho, Historia y Letras*, v. LXI, p. 452-464, 1918.
- LIMA, O. Cartas de Estocolmo VIII. In: SOBRINHO, B. L. (Ed.). *Obra Seleta*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971a. p. 353-355.
- LIMA, O. Cartas de Estocolmo IX. In: SOBRINHO, B. L. (Ed.). *Obra Seleta*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971b. p. 355-358.
- LIMA, O. *Memórias: (estas minhas reminiscências...)*. Recife: Diretoria de Assuntos Culturais da Fundarpe, 1986.